SNODGRASS, A. M. *An Archaeology of Greece. The present State and future Scope of a Discipline*. Berkeley — Los Angeles: University of California Press, 1987, 218 p. (Sather Classical Lectures, 53).

Em suas palavras introdutórias, Snodgrass já nos adianta seu tema: a contribuição potencial da arqueologia clássica aos estudos clássicos, ainda que tal contribuição seja mais perceptível pela sua raridade, o que levaria à questão "Quão bem equipada está a arqueologia clássica para desempenhar seu papel no futuro dos estudos clássicos?". Lidando exclusivamente com a arqueologia grega, ele procura desenvolver uma reflexão sobre este problema ao longo de seis capítulos que discorrem sobre alguns aspectos menos evidenciados da arqueologia grega e clássica.

No primeiro capítulo, "The Health of a Discipline", Snodgrass põe em questão a situação da arqueologia clássica em relação às disciplinas com as quais está vinculada, de um lado à arqueologia e de outro aos estudos clássicos e à história da arte antiga, tendo estreitado seus laços com estes últimos de maneira a isolar-se da arqueologia. Explicitando tais conexões, o autor defende a independência da arqueologia clássica como disciplina, corrigindo uma visão desta como possuidora de um status inferior dentro dos estudos clássicos (p. 5).

Por outro lado ao lidar com as relações da arqueologia clássica com as novas correntes da arqueologia, especialmente a *new archaeology*, ele revela a falta de comunicação entre ambas. Lançando mão da categorização psicológica de mentalidades convergentes e divergentes, ele situa aí respectivamente os classicistas e os arqueólogos. Aqui entra a diferença entre "propor novas respostas para velhas questões" e "propor novas questões": a primeira postura seria menos frutífera para a produção de conhecimento do que a segunda. Pregando o entendimento mútuo, ele destaca a declaração de Clarke segundo a qual, para sobreviver, uma disciplina deve contribuir para outras (p. 12). Tal inter-relação é visível principalmente com a antropologia, na qual são citados trabalhos correlatos à arqueologia clássica, especialmente do Centre de Recherches Comparées des Societés Anciennes, em Paris.

A arqueologia clássica dispõe de um corpus de evidências não visto em qualquer outro campo da arqueologia e que aparentemente não estaria sendo adequadamente processado e interpretado. A tendência de elaboração de trabalhos de síntese e análises situados dentro da Grande Tradição (conforme designação de Renfrew) é corrente na arqueologia grega e romana (Beazley e Furtwängler), porém nota-se a ausência de trabalhos de explicitação do raciocínio arqueológico, seja nos critérios de classificação, na atribuição ou na interpretação. Um traço inigualável da Grande Tradição que ele destaca é o vasto conhecimento topográfico e histórico que os arqueólogos clássicos possuem de sua área e que potencialmente os faria melhor equipados para executar seu trabalho.

Neste capítulo Snodgrass ressalta as forças da arqueologia clássica através da análise de três casos: Dorpfeld no platô Nidri em Leukas, Kunze em Olímpia e Buchner em Campus Martius em Roma. Em tais casos os arqueólogos testaram hipóteses e comprovaram em ao menos dois deles a sua correção, tendo recorrido às fontes textuais e ao seu conhecimento topográfico e histórico que possibilitaram a identificação de eventos a vários metros de profundidade, o que considera excepcional no campo da arqueologia em geral. Todos cumpriram uma regra que a *new archaeology* diz ausente na arqueologia tradicional: "develop explicit assumptions and then test them [...] cross

the boundary lines of disciplines, making outward contributions to other disciplines if possible [...] count, measure and quantify where possible" (p. 32). O autor nega também que fossem abordagens cegamente empíricas e puramente descritivas, defendendo ao mesmo tempo o particularismo, que fundamenta o trabalho de teorização ao invés de impedi-lo como pensa Binford. Para Snodgrass, a arqueologia clássica necessita de ambas abordagens, tradicional e nova, para realizar seus potenciais.

No capítulo 2, "Archaeology and History", o autor discute a relação ambígüa entre a arqueologia clássica e a história antiga, partindo da crítica ao senso comum de que a arqueologia clássica se volta principalmente para o estudo de obras de arte antiga e que está em profunda interação com a história antiga. Não há parceria mais estreita senão entre Velho Testamento e arqueologia de Israel. Snodgrass critica esta relação por achar que a arqueologia estava direcionada para o tipo errado de história, com a base na falácia de que proeminência arqueológica e importância histórica são termos intercambiáveis: ou seja, confundir o que é observável com o que é significante.

A evidência arqueológica pode agir, confirmando, complementando ou contradizendo o registro histórico, mas espera-se que faça o primeiro nos períodos centrais (tempo e espaço) da história grega. Mas ao seguirmos para períodos ou áreas mais recuados, ela tende a complementar ou negar o registro histórico.

O arqueólogo parte de pressupostos ao vincular-se à história: o que, quando e como um evento ocorreu, partindo para a conexão com um fato histórico. Snodgrass, novamente com base em Clarke, ressalta os traços de incompletude, ambigüidade e complexidade dos achados, ao citar casos como os de Cnossos, Micenas, Tebas, a Muralha Antonina na Escócia e as colônias gregas na Sicília: casos nos quais esses caracteres se manifestam pelas discrepâncias cronológicas das fontes históricas e das evidências arqueológicas, da interpretação restrita obtida no sítio e que é aplicada a todo um assentamento e da indefinição que existe na constatação do estágio de desenvolvimento de um sítio (caso das colônias: a partir de que ponto podem ser vistas como tal?).

Em síntese, Snodgrass avisa aos arqueólogos que alguns dos seus objetivos tradicionais são inatingíveis, desde que os achados não são totalmente compreensíveis, nunca passíveis de uma única interpretação, senão como probabilidades complexas, apesar da pressão externa para que se imponha um caráter de afirmação histórica (p. 65).

Os capítulos 3 e 4 dizem respeito à paisagem rural da Grécia: "The Rural Landscape of Ancient Greece" e "The Rural Landscape of Greece Today". A introdução ao capítulo 3, "The Mediterranean World is a world of town-dwellers" (p. 67), palavras de R. G. Collingwood, aplica-se ao viés urbano da arqueologia clássica, escavando cidades, seus santuários e seus túmulos. Justificava-se pelas fontes históricas que citavam quase exclusivamente eventos vinculados às cidades, porém a arqueologia clássica não é história antiga. Diversos aspectos do estudo rural são citados em decorrência de seus elos com a vida urbana, como a agricultura e a criação de animais, além da escravidão, tecnologia e demografia.

O autor está preocupado exclusivamente com questões sobre a natureza da paisagem rural da Grécia antiga, ou seja, sobre a geografia econômica. Se antes os geógrafos antigos eram a única referência sobre a Grécia rural, devemo-nos precaver contra a idealização romântica da Grécia como um bosque britânico, e vê-la como uma área *deflorestada* tal qual a paisagem grega atual. A distinção se faz entre *oikoumené* (território onde pessoas vivem) e *eskhata* (a área externa, mais especificamente aquela ao redor das cidades, o setor

de caça, pastoreio, criação e treinamento dos jovens). Esta última não é uma área desabitada, mas esparsamente habitada.

Utilizando os escritos de geógrafos antigos (Pausânias, Estrabão e pseudo-Dikaiarchos), o autor efetua uma crítica à *Descrição da Grécia* de Pausânias, ressaltando que este registrava as coisas mais valiosas vistas na Grécia para benefício do viajante inteligente e bem informado do período romano imperial. Nesta obra a paisagem rural é um vazio entre a cidade e sua vizinha, cruzado pelo sistema de estradas, levando o viajante a seguir um curso linear do ponto de partida ao de destino sem considerar a dimensão lateral, ou vertical, distâncias ou acidentes geográficos.

Com Estrabão e sua *Geografia*, feita dois séculos após Pausânias e tomando a Beócia como exemplo, vemos que aquele fornece novos dados, como distâncias e relações cruzadas de pontos geográficos naturais: uma verdadeira geografia física. No entanto, ao usar o *Catálogo de navios* de Homero como referência, Estrabão perde o fio de sua seqüência descritiva do território como uma série de agrupamentos regionais.

Ambos os autores, entretanto, não realizam uma geografia econômica, silenciando sobre o assunto, o que não ocorre com pseudo-Dikaiarchos do século III a.C.. Novamente utilizando a Beócia, este autor apresenta em seus registros diversas passagens sobre o clima, o solo e as produções das localidades citadas. Com este autor se prova a existência de um estudo da Grécia rural na antiguidade, ainda que fragmentário e único.

A justificativa para o estudo do campo é retirada de Finley, ao citar que a sobrevivência de uma cidade depende de quatro variáveis, dentre as quais "o incremento da produção agrícola local": base para observar o que fundamenta este mundo de construtores de cidades (p. 92).

Já no capítulo 4, Snodgrass avalia a paisagem rural atual da Grécia dentro do contexto da política governamental de proteção aos sítios arqueológicos num país em que praticamente em todo lugar existem vestígios, o que problematiza de um lado projetos agrícolas ou de construção civil, e de outro o acúmulo de achados nos depósitos dos museus e órgãos de pesquisa. Sugerindo uma estratégia de aplicação da *new archaeology* à Grécia, Snodgrass acredita em um novo equilíbrio entre a produção de novos achados e de novo conhecimento. Como exemplo, cita os resultados de *surveys* efetuados pela Minnesota Messenia Expedition. Ao contrário dos que pensam que a nova arqueologia é uma arqueologia de último recurso, Snodgrass contrapõe, citando James Muhly. "When one has the frescoes of Thera who is going to bother collecting soil samples? But the sting is in the tail: It is precisely the lack of proper scientific excavation at Akrotiri that is responsible for most of the nonsense published about Thera during the past ten years" (p. 99).

A execução da pesquisa de uma região dentro dessa perspectiva cobriria a lacuna sobre o setor rural da Grécia e corrigiria o viés urbano da pesquisa arqueológica grega. Não produz achados excepcionais, mas possibilita a produção de novo conhecimento. Trata-se da *survey* intensiva de campo, ainda experimental, com seus erros e enganos, mas que ao contrário da escavação não são irreparáveis. Ainda que a cobertura vegetal arbustiva e as plantações rasteiras a dificultem, ela se revelou eficiente na identificação de novos sítios. Em comparação com a *survey* extensiva, ela revelou cinqüenta vezes mais sítios, em sua maioria pequenas aldeias e vilas com 1000 a 3000 habitantes.

Este tipo de pesquisa mostrou a presença de uma grande quantidade de pequenos sítios, separados por algumas centenas de metros, que produziam cerâmica em profusão e telhas para habitações duráveis (permanentes) e de um "halo" ao redor dos sítios,

sugerindo o cultivo intensivo. Todos esses traços sugeriam fazendas independentes que contrastam muito com o mundo de construtores de cidades do Mediterrâneo antigo e mesmo com a Grécia atual, onde as vilas se localizam próximas às cidades maiores, deixando grandes vazios no interior.

Uma conclusão para este capítulo é o da validação da aplicação da *survey* para a arqueologia clássica como uma possibilidade nova, que permite a formação de uma história que, se é diferente daquela que se fazia, recupera a paisagem rural da Grécia e a reintroduz no contexto da sociedade grega antiga.

Com uma mudança aparentemente brusca de assunto, em "The First Figured-Scenes in Greek Art", Snodgrass trata das relações da arqueologia com a história da arte antiga, revisando a crítica de Bandinelli que culpa a arqueologia clássica de abandono da história da arte pelo trabalho classificatório. Verifica um reavivamento da história da arte, abordando as relações da narrativa com a representação artística, dentro da perspectiva de Gombrich de uma revolução grega: a criação da arte narrativa.

Discutindo a teoria estruturalista segundo a qual importa mais a estrutura do mito do que a seqüência narrativa e suas variantes, avalia a temporalidade da representação do mito: no período arcaico a técnica principal era a representação em um painel de episódios de um mito, apresentando as figuras apenas uma vez (método sinóptico), ao contrário do que ocorria na Idade do Bronze, onde um personagem era mostrado em várias posições (momentos) do mito.

Na técnica sinóptica o artista estaria preocupado em retratar os atributos característicos de cada figura. Não seria uma arte narrativa no sentido dado acima, e que se encontra nos painéis e relevos de monumentos arquitetônicos e esculturas. Identificando a técnica sinóptica no período Arcaico, o autor vê seu prolongamento do Geométrico, ao contrário da história da arte tradicional, que defende uma divisão entre o Geométrico e os períodos posteriores.

Passando para outra perspectiva desse tema, ele avalia os paralelos entre a pintura, a língua grega, o funeral homérico e o funeral heróico, demonstrando as conexões entre estes através da heroicização, um fenômeno que ocorre não apenas em relação aos mortos da mítica Idade do Bronze, mas também aos recentemente mortos, efetuando assim uma fusão entre estes contemporâneos e seus antepassados distantes, em um culto que é um fenômeno local, parte das comunidades do continente, em especial do Peloponeso, durante os sécs. VIII-VII a.C.

O sexto e último capítulo, "The Early Iron Age of Greece" seria, nas palavras do autor, uma tentativa de experimentar a análise oferecida nos capítulos precedentes. Fixando-se na Idade do Ferro antiga (1100-700 a.C.) ele analisa as diferenças e inovações surgidas nesse período, bem como a ausência de lendas heróicas, ao contrário do período precedente. Há registro arqueológico de distúrbios militares e destruição de assentamentos, tal como na Idade do Bronze, porém parece que os gregos não se lembraram ou não quiseram inventar eventos e personalidades atribuíveis a este período.

A Idade do Ferro é marcadamente distinta do Arcaico, indicado pela transformação do culto heróico, pela idéia do ancestral heróico e pela descontinuidade dos assentamentos de uma época para outra, que seria seu traço mais flagrante. Propondo a abordagem do problema da insignificante mudança na cultura material neste período de quatro séculos, ele investiga a aparição do registro material. Pelo uso da Middle Range Theory de Lewis Binford, procura relacionar as características aparentes do registro arqueológico com a realidade que levou ao seu aparecimento sob esta forma (p. 180).

Com o recurso aos textos em Linear

B, às práticas da arquitetura monumental, aos enterramentos, evidências que indicam mudanças de assentamento, ainda aliadas à raridade de sítios, forma-se um quadro que sugere uma transferência e concentração de recursos para o setor pastoril, um modelo até então não assinalado na Grécia.

O teste desse modelo, mesmo que não seja possível apenas pelas evidências arqueológicas, pode sê-lo através de outros meios: a relação entre o festival olímpico e práticas funerárias, uma interpretação de *Os trabalhos e os dias* de Hesíodo e de seu tom pastoril, da topografia dos sítios micênicos, da presença de ossos de animais em tumbas micênicas, da forma das habitações que indicam seu uso sazonal e, por último, de diversas figuras animais em terracota nos santuários de Olímpia.

Tudo levaria à compreensão parcial de um modelo pastoril, sugerindo tratar-se de um modelo viável. A partir dele, voltando ao problema da duração da cultura material, encontraríamos a solução na ausência de um controle central após a queda dos palácios micênicos e na falta de inovações significativas no período. Seria possível que na Grécia central e sul, além da agricultura sedentária, as comunidades se apoiassem no uso pastoril dos vastos espaços. Tal conduta se quebra com a predominância do cultivo e com as conseqüentes tensões produzidas por esse regime econômico.

De uma maneira geral, poderíamos observar que o autor tinha em mente dois problemas distintos, o de situar a arqueologia clássica no mesmo nível das disciplinas acadêmicas e de restabelecer os vínculos entre a arqueologia clássica e a arqueologia. Efetuando conexões entre elementos aparentemente distintos, dentro de sua habitual linha de pensamento, Snodgrass executa um belo trabalho de elaboração e articulação das diversas esferas de atuação da arqueologia, ao menos no caso da Grécia. Diríamos tratar-se de um pesquisador clássico excepcional por compatibilizar a arqueologia clássica (dita tradicional) e a *new archaeology*, senão com sucesso, ao menos com bases solidamente definidas. Com uma exposição rica em exemplos e explicações, o autor nos forneceu um quadro que poderia muito bem expressar as condições de realização real e potencial dos arqueólogos que possuam uma visão clara e crítica de seu trabalho e de suas perspectivas como arqueólogos e classicistas.

ÁLVARO HASHIZUME ALLEGRETTE
Pós-Graduação de Antropologia Social
Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

MOMIGLIANO, A. *Os limites da helenização: a interação cultural das civilizações grega, romana, céltica, judaica e persa*. Tradução de Claúdia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991, 158 p.

Deve-se celebrar a publicação em língua portuguesa do clássico de Arnaldo Momigliano, ainda que a tradução deixe a desejar, a começar pela amputação do que o título da obra tinha de mais saboroso no original: o próprio título principal, *Alien Wisdom*, que, acredito, se verteria bem em português como "Sabedorias bárbaras" (a exemplo do que se fez na edição francesa publicada pela Maspero, em 1979, e batizada de *Sagesses barbares*). Não se compreendem assim as razões que teriam levado à adoção apenas do sub-título original (*The Limits of Hellenization*) e, menos ainda, o porquê do enfadonho acréscimo de um novo